

No embarque, violência e 27 prisões

185

"Abre, abre, abre...". Esse coro era repetido por dezenas de pessoas que se comprimiam junto às vidraças da Sala 2 de embarque dos chamados vôos domésticos do Aeroporto de Congonhas. Eram 11h50 e a pressão dos populares acabou fazendo ceder um dos trincos da porta. Em segundos, cerca de 20 pessoas entraram na Sala 2 e, após quebrar os vidros que fazem a divisória com a pista de embarque, tentaram invadir a ala interna.

Entretanto, numa ação rápida a segurança do Infraer e policiais da Aeronáutica, armados com cassetetes, evitaram a passagem dos invasores. Na correria, mais vidraças foram quebradas e alguns populares ameaçaram revidar a ação policial, na ala externa do aeroporto. Por intermédio de walkie-talkies, foi solicitado reforço e a Polícia Militar também entrou em ação. Pedras e paus passaram a ser jogados contra diversas vidraças da ala nacional e lojas junto ao saguão enquanto os policiais, de braços dados, faziam um cordão humano de isolamento.

Como resultado final, foram registradas 27 prisões e cerca de dez vidraças arreventadas. "O povo vem despedir-se do seu presidente e os vândalos de plantão, como sempre, aproveitam a aglomeração para iniciar a baderna" — reclamava o coronel Ralph, comandante do CPM-2 (Zona Sul), ao afirmar que os detidos foram levados para o 27º DP, de Campo Belo. Segundo o coronel, junto ao aeroporto havia cerca de 1.500 homens da Polícia Militar, incluindo cinco caminhões "espinhas de peixe" com 62 PMs. "Mas não usamos o pessoal do choque, não houve necessidade. Funcionou mais do ponto de vista psicológico" assinalou o comandante ao garantir que, após às 13 horas, o aeroporto de Congonhas já funcionava em plena normalidade.

Policiamento

Diante do inesperado número de pessoas que foram ao aeroporto acompanhar o embarque do caixão com o corpo de Tancredo Neves para Brasília, a polícia teve mais trabalho do que imaginava. Segundo o tenente Júlio de Menezes Pinto, da Aeronáutica, o policiamento foi dividido entre as diversas forças. A Aeronáutica ficou responsável pela segurança da área interna do aeroporto; a Polícia Militar, da parte externa; ao DSV coube interditar as avenidas por onde o cortejo passou e os agentes da Polícia Federal fizeram a proteção das autoridades.

Somente nas proximidades de Congonhas havia 1.500 PMs, segundo o comandante da corporação, coronel João Pessoa do Nascimento. Ele contou que, além disso, o Exército mobilizou de 600 a 700 homens, um batalhão completo, só para a solenidade realizada no aeroporto.

Só por volta das 13 horas voltou a ficar tudo calmo na região. O povo já estava indo embora, deixando três coroas de flores brancas e amarelas junto ao portão da oficial do aeroporto. Analisando toda a manifestação, o superintendente da Polícia Federal, em São Paulo, Romeu Tuma, reconheceu que o esquema de segurança realmente apresentou falhas, explicando que o motivo era simples: ninguém imaginava a presença de tanta gente na despedida a Tancredo.

Tuma disse que era impossível calcular quantas pessoas saíram às ruas para acompanhar o cortejo e chamou a atenção para o comportamento das pessoas que, segundo ele, no geral não criaram problemas: "Foi uma manifestação bonita e ordeira. A maior que já vi. A população estava motivada, porque viveu cada momento de dor e de esperança nesses 39 dias. As orações provocaram um entrelaçamento e o povo, por querer viver também esse último momento, saiu às ruas e se autodisciplinou. Foi um ato de dor e amor, por isso houve poucas brigas".